

UMA CRÍTICA AO ENSINO TRADICIONAL: VISÃO DA ETNOMATEMÁTICA E DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA CRÍTICA (APOIO UNIP)

Aluna: Sarah Rodrigues dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Emilio Celso de Oliveira

Curso: Matemática

Campus: Polo Governador Valadares

Será o ensino de Matemática neutro? Será a Matemática infalível? Quem decide o que se ensina e o que se aprende? Qual é a relação da educação matemática e as injustiças sociais? Na segunda metade do século XX, inspirados na pedagogia crítica de Paulo Freire, educadores matemáticos se puseram a questionar o modelo vigente de ensino-aprendizagem. O presente trabalho, baseado na dialética marxista, pretende fazer algumas reflexões sobre as principais ideias de duas linhas de oposição ao ensino tradicional na educação matemática: A Educação Matemática Crítica e a Etnomatemática, por meio de um levantamento bibliográfico. Quais são suas contribuições para o que entendemos como ensino de matemática no século XXI, seus alcances e limites? O que é educação tradicional em educação matemática? A que ponto as aplicações pedagógicas do programa Etnomatemática podem contribuir com uma mudança no *modus operandi* escolar? A que ponto ele é apropriado pelo sistema? Na educação tradicional o aluno é visto como um recipiente vazio no qual o professor deposita os conteúdos e só pela repetição do que o professor ensinou ele aprende. Esta visão é denominada por Paulo Freire de “educação bancária”: só o professor tem o poder da palavra e ocupa papel central no processo de ensino-aprendizagem. Apesar de ter escrito sobre isso na segunda metade do século XX, a crítica ainda é muito atual. Nosso objetivo é identificar quais são as pontuações dentro da educação matemática feita por alguns autores de duas linhas: Etnomatemática, do brasileiro Ubiratan D’Ambrosio, e Educação

Matemática Crítica, do dinamarquês Ole Skovsmose, baseada na Escola de Frankfurt.